

# Caio Meira – Uma Canção

tantas vezes eu me sinto passageiro clandestino  
do meu corpo, como embarcado num vagão  
que corta a cidade desde o subúrbio, onde moram  
ou devem morar poetas, amantes e demais revolucionários,  
segundo Platão, embarcado nessa viagem, nessa origem  
periférica, longínqua, estrangeira, trazendo sem permissão  
sotaques, palavras e vontades que se realizam ocultamente  
nas minhas mãos, por intermédio delas, quando acaricio seu  
corpo  
com meu corpo, digitando música no teclado das suas  
costelas ou desenhando em sua pele as imagens proibidas,  
secretas, bastardas, do poema pelo qual você pergunta  
há tanto tempo, cadê meu poema, você disse tantas  
vezes, ou talvez você nunca tenha pedido, talvez tenha sido eu  
a  
ter visto um poema saltar ilícito da sua boca para sobrevoá-  
la, dissimulado, um poema enodado em seus cabelos  
há tanto tempo, um poema ainda trêmulo, sondando espaço e  
tempo em nosso olhar mútuo, na órbita da nossa  
vida e em nosso espaço e tempo, esse tempo que  
nos percorre, mas também o tempo que se amontoa  
e nos dá as tramas que se amarram entre nós a contrapelo  
de todo princípio para infringir vigências e efeitos dessa  
viagem em que sou passageiro, como uma folha ao vento,  
mas que vigora em mim como um contrato sem promessa, sem  
celebração, a não ser o próprio ato que escapa de si mesmo, o  
próprio delito de lhe escrever essas palavras com a luz dos  
meus  
olhos

**Caio Meira, Romance**